

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA (FIGURAS)

de Miguel Leal



ESPAÇO MIRA

Rua de Miraflor n° 159
Campanhã, Porto
929 145 191 - 929 113 431

contacto@espacomira.net
www.facebook.com/espacomirafotografia

Terça a sábado, das 15:00 às 19:00
Entrada Livre

PROGRAMA | MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA (FIGURAS)

20 Dez | **MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA (FIGURAS)**

16h Inauguração da exposição individual de Miguel Leal

17 Jan | **“Amanheceu enquanto conversávamos”**

16h Conversa com João Sousa Cardoso e Miguel Leal
Finissage

PRÓXIMOS EVENTOS | ESPAÇO MIRA

24 Jan - 21 Fev | **dar destino e voltar a olhar**

Exposição colectiva com Susana Gaudêncio, André Sousa,
Paulo Jesus e Celeste Cerqueira

28 Fev

Exposição individual de Cristina Mateus

FICHA TÉCNICA

Direção do Espaço MIRA

Manuela Matos Monteiro e João Lafuente

Direção artística

José Maia

Autor texto crítico

Sara Castelo Branco

Assistente de Galeria

Patrícia Barbosa

Fotografia

Manuela Matos Monteiro e Patrícia Barbosa

Vídeo

João Lafuente e Patrícia Barbosa

Press Officer

Patrícia Barbosa

MIGUEL LEAL | artista

Nasceu no Porto em 1967, onde vive e trabalha.

Expõe regularmente desde o início dos anos 90. Algumas exposições individuais: "Verklärte Nacht", Ciclo Santa Cruz/CAPC, Coimbra (2014); "Cripta", Laboratório das Artes, Guimarães (2011); "Aqui Fora", Uma Certa Falta de Coerência/A Certain Lack of Coherence, Porto (2010); "Keats, Keaton & Jürgenson", In.Transit, Porto (2009); "SATURNO", Galeria Fernando Santos, Porto (2007); "Phantomatic", Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto (2003); "Histórias Catalépticas", Galeria Marta Vidal, Porto (2003). Algumas exposições coletivas mais recentes: "Sem Quartel", Sismógrafo, Porto (2014); "Apesar de tudo ainda se fodia", Maus Hábitos, Porto (2014); "A riqueza múltipla e multiplicadora da ambiguidade", Espaço Mira, Porto (2014); "55 anos do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (Fragmentos de uma Coleção)", Sala do Senado, Universidade de Coimbra (2013); "A Vanguarda está em Ti | 55 Anos do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra | Fragmentos de uma Coleção", Centro Cultural de Ílhavo (2013); "Obras da Coleção de Arte Contemporânea da Coleção da Portugal Telecom", Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Bragança (2013); "Cinemas 2 > Drive in", Gareporto, Porto (2013); "Obras da Coleção de Arte Contemporânea da Coleção da Portugal Telecom", Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Bragança (2013); "CCC_Collecting Collections and Concepts, uma viagem iconoclasta por coleções de coisas em forma de assim", Fábrica Asa, Guimarães Capital Europeia da Cultura (2012); "Impresiones y Comentarios - Fotografia Contemporânea Portuguesa", Sala Parpalló, Valencia (2010); "Serralves 2009 'A coleção'", Museu de Serralves, Porto (2009). Para além das exposições, desenvolveu trabalhos de co-curadoria, publicações e coordenação de workshops muitas vezes ligados ao uso da tecnologia como ferramenta artística e social.

<http://ml.virose.pt> | <http://ml.virose.pt/blog>

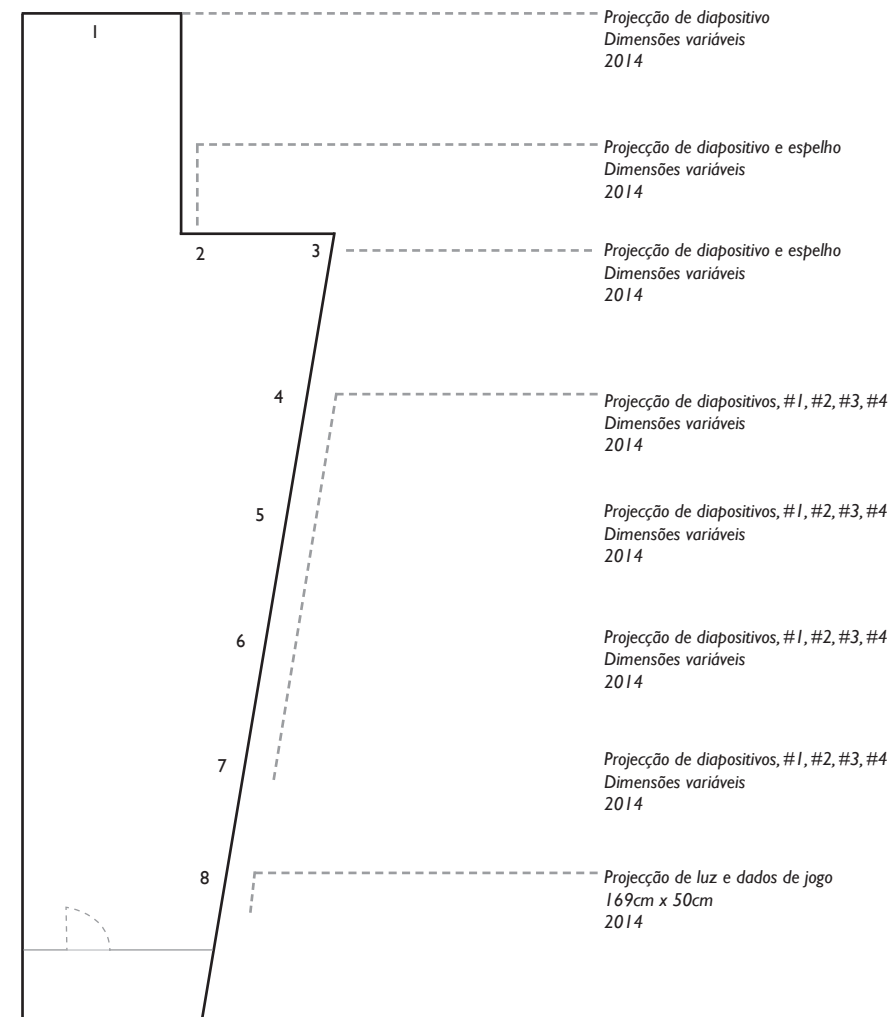
JOSÉ MAIA | director artístico

Nasceu em Nampula, Moçambique, em 1970. Vive e trabalha no Porto. Licenciado em Artes Plásticas - Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Doutorando do Doutoramento em Artes Plásticas e Artes Visuais "Modos de Conhecimento na Prática Artística Contemporânea" pela Universidade de Vigo. Foi docente das disciplinas de Pintura e de Desenho do Curso Superior de Artes Plásticas e Tecnologias, do Curso de Pós Graduação em Direção Artística na Escola Superior Artística do Porto - Extensão de Guimarães. Atualmente é docente da disciplina Projeto IV da Licenciatura em Artes Visuais - Fotografia na Escola Superior Artística Porto, de Teoria da Fotografia, Artes Contemporâneas e Metodologia de análise da imagem da disciplina Artes Visuais da Pós-Graduação em Comunicação e Gestão Cultural da Universidade Lusófona do Porto e de Introdução à Arte Contemporânea no Balletatro, no Porto. É curador, organizou e co-organizou exposições individuais e coletivas de jovens artistas no Porto, Lisboa, Faro, Braga, Guarda e Elvas. Desde 1998 tem organizado debates, conversas, conferências e apresentações com criadores de diferentes áreas artísticas, curadores, artistas-comissários, críticos e historiadores. Entre Dezembro de 2008 e Julho de 2009 foi responsável pela programação do Espaço Campanha. Enquanto artista, Manuel Santos Maia expõe regularmente desde 1999.

O artista e o Espaço MIRA agradecem a: Cristina Mateus, Pedro Tudela, João Brojo, Felícia Teixeira e José Nibra

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA (FIGURAS)

Projeção múltipla de diapositivos; 7 projectores de slides, 19 diapositivos [3+(4x4)]. Quatro séries de imagens, 1 série de imagens por dia ao longo de quatro dias; loop contínuo durante a exposição; espelhos, dados de jogo e foco de luz.



Manual de Sobrevivência (Figuras) traça-se num longo corredor flanqueado por projecções de fotografias, múltiplas manchas de luminescência, numa montagem caleidoscópica. Inscrevendo-se no campo semântico da luz, as imagens assomam e findam-se através dela, assentando sob o domínio da electricidade, que dita o desaparecimento ou a revelação da exposição.

Manual de Sobrevivência (Figuras) apresenta sete projecções simultâneas, figurando fotografias da autoria do artista, e outras imagens apropriadas por este, pertencentes a um arquivo de astronomia dos anos 20 e 30. A maioria das fotografias são afectadas por uma pulsão e viragem de cor, que apela a uma harmonia cromática, e, onde se intensificam os binómios da convergência e da dispersão, da luz e da sombra. A exposição é composta por três imagens fixas e por quatro séries fotográficas, que vão sendo interpostas num período intercalado de quatro dias, inscrevendo uma circunstância relacional entre imagens da ordem do mnemónico, e, tracejando igualmente uma possibilidade contínua de recriação expositiva.

Os elementos lunares, solares e astrais, cromaticamente metamorfoseados, dialogam com três imagens de permanência fixa, que se diferenciam – autoral e figurativamente – das restantes: uma imagem que domina o espaço e convoca uma palavra espacializada, o termo “impossível”, expressão que dialoga com a índole da exposição; uma espécie de fonte-foguete azul, projectada indirectamente pelo reflexo de um pequeno espelho; e, a escultura de uma cabeça animalesca e primitiva, que, do escuro, avança sobre nós, sendo a única fotografia que se duplica pela comparência de um espelho simétrico a si, criando um duplo e um corredor paralelo – a abertura impossível para um espaço que não é real. Neste sentido, a estância da “impossibilidade” circunscreve toda a exposição, conciliando-se com a denominação da exposição, que alude à descrição no plano figurativo, de algo que não tem expressão exequível pela substância frásica.

Neste sentido, as fotografias apelam a estâncias como o indeterminado, o irrealizável e o irreal que anuam com uma composição inconclusa das imagens – como a incompletude da fonte-foguete, da lua ou da iluminação do círculo que clareja os dados – dando ao observador a alternativa de reconstituição. Por outro lado, as imagens apelam à relação entre um microcosmo e um macrocosmo, citados numa linha cronológica de vida, cuja linearidade surge no traçado horizontal de uma sequência de dados.

São uma série de números, que saem da superfície alumiada, e continuam, infinitamente, para um passado ou um devir velados, mencionando uma aleatoriedade que se associa à passagem do tempo, ao destino e ao jogo. Para o artista trata-se de “uma forma de ligar e pensar o corpo e as imagens, a memória do corpo e das imagens. É uma exposição sobre o corpo, sobre as marcas no corpo, sobre o corpo como arquivo e memória.”

Manual de Sobrevivência (Figuras) cita outras práticas de representação, detendo um temperamento pictórico, mas, sobretudo, um predicado cinematográfico, na medida em que o artista opera uma visão sobre as imagens centrada na luz. Por outro lado, a presença pausada das imagens activa-se na deserção de um entendimento convencional da montagem cinematográfica, concebendo antes uma montagem sincrónica. A positivação do cinema – e a afirmação da potência do observador como reconstrutor da imagem – torna-se ainda inteligível pela disposição das projecções no espaço, que obrigam o visitante a perfurar os focos de luz, recriando as figurações sombreadas de um teatro de sombras. O espaço, o espectador e os dispositivos tornam-se intrínsecos e indivisíveis.

A montagem entre imagens emerge de uma organização intuitiva e experiencial, suturando-se numa ambiguidade, vinculada ao carácter polimórfico das percepções de cada observador. A potência da duplicidade imagética – da sua capacidade em convocar diversas figurações e sentidos – situa-se num real que se desenvolve num movimento que o faz diferir de si mesmo: fantasmático e latente, por cumprir-se na subjectividade de cada observador. Desta forma, podemos falar de imagens que versam um campo de “aparências”, como a transformação de uma constelação ou cometa em fantasma.

Em *Manual de Sobrevivência (Figuras)*, o real e o fantástico sobrepõem-se, transformando o olhar em visão, análogo àquilo que Rimbaud chamava de vidência, de segunda visão. Portanto, numa jornada entre o conhecido e o desconhecido, o maneo do artista está numa subtracção sobre o dispositivo, aludindo a uma volubilidade fantasmática, ao cíclico e à passagem do tempo, a uma indiscernibilidade entre o real e o irreal, ao principio e ao fim do mundo, mas, sobretudo, à capacidade potencial das imagens, que aqui são “fugazes, fantasmas de luz, mas agarradas ao espaço como uma pele.”

Sara Castelo Branco